

ARTE NAS ESTAÇÕES



Parte da coleção do Museu Internacional de Arte Naïf, fechado no Rio de Janeiro desde 2016, é exibida no interior de Minas Gerais em mostras itinerantes.

O projeto Arte nas Estações, idealizado pelo colecionador e gestor cultural carioca Fabio Szwarcwald, será inaugurado nos dias 2, 3 e 4 de fevereiro de 2023, com a abertura de três exposições temáticas a serem realizadas simultaneamente em três cidades mineiras: Ouro Preto, Congonhas e Conselheiro Lafaiete. O Arte nas Estações tem patrocínio do Instituto Cultural Vale, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura, e realização da RKF Consultoria.

Com curadoria de Ulisses Carrilho, as mostras levam obras da coleção do Museu Internacional de Arte Naïf (Mian) - que em 2016 teve suas atividades encerradas no Rio de Janeiro, abrigando o maior acervo do gênero no mundo - para espaços fora do eixo Rio-São Paulo, com o objetivo de disseminar a sua potência.

Arte Naïf é o termo usado para identificar a produção de artistas autodidatas, que não tiveram acesso ao ensino formal de arte. No entanto, Carrilho reconhece que se trata de um termo questionável, defendendo a sua utilização para desmontar a ideia de inferioridade e sublinhar o texto político que estas obras carregam. *"Essas exposições são sobre saberes que precisam ser respeitados e que não fazem parte de uma norma. Vamos levar estas obras a lugares aonde ainda não chegaram, bem como aprenderemos com os saberes locais em cada parada que fizermos"*.

Para o curador, a itinerância é a mecânica comum entre as três mostras distintas, que ocupam temporariamente os espaços e seguem para a próxima estação. *"Faz todo o sentido falar de arte popular através dessa estrutura que monta e desmonta, como os grupos de teatro ambulante e de circo"*, reflete.

Para Szwarcwald, diretor executivo do projeto, é um sonho levar um acervo tão rico a lugares que, muitas vezes, não têm oportunidade de receber exposições por falta de investimento: *"A itinerância é rara nesses territórios e a gente quer ultrapassar essa concentração cultural nas capitais"*, comenta. *"É muito interessante levar artistas naïf às suas cidades natais, onde nunca chegaram a expor, dando a eles o merecido reconhecimento. Meu objetivo é utilizar a arte e o trabalho destes artistas como uma plataforma de educação, criando uma oportunidade dos espectadores terem uma visão ampliada sobre o mundo que vivemos hoje"*.

Em Ouro Preto, no Paço da Misericórdia (antiga Santa Casa), "Sofrência" fala sobre apaixonamento e separação por meio de uma narrativa com início, meio e fim. Inspirada nas novelas, essa história apresenta ao público cenas de convívio social, flerte, festas e jogos de sedução, permeadas por poesias e poemas populares. *"Olhar para essas obras faz lembrar como é político você dizer que ama alguém e manifestar o seu desejo"*, reforça Carrilho.

A Estação ferroviária de Conselheiro Lafaiete, a 96 km da capital do estado, dá lugar à

exposição "A Ferro e Fogo". Nela, artistas populares abordam uma relação integrada entre as questões naturais e políticas. Manifestações e rebeliões são representadas nas obras que trazem cenas de luta pela preservação das espécies: uma mata exuberante, uma terra fértil, um povo nutrido de um forte desejo de construir.

Por fim, o Museu de Congonhas recebe "Entre o Céu e a Terra", que aborda as fés - sempre no plural. Crenças, manifestações religiosas e credices populares aparecem em cenas noturnas, céus estrelados, aparições, graças alcançadas, súplicas fervorosas e seres fantásticos do folclore brasileiro. A exposição conta ainda com um núcleo em que estadistas são retratados, como José Sarney e Getúlio Vargas, trazendo para a discussão a necessidade de acreditar numa ideia de Brasil também através da política.

A expografia, criada por Janine Marques, tem como objetivo reforçar a temática explorada em cada exposição e faz uso de elementos regionais para valorizar a cultura local, criando vínculos de identificação com o público. "*Cada espaço vai ser travestido três vezes, de três temas diferentes*", destaca o curador.

Para além das obras naïf, cada exposição conta com uma videoarte contemporânea escolhida para dialogar com as temáticas abordadas. Pancake, de Márcia X, Terremoto Santo, de Bárbara Wagner e Benjamin de Burca, e Nada é, de Yuri Firmeza, funcionam como dispositivos pedagógicos para criar discussão, interagindo com o presente.

O programa educativo tem como foco o trabalho com alunos das escolas de cada região e reforça o diálogo das mostras com as questões da contemporaneidade, abordando o papel do artista, a função social da arte e a aproximação com seus públicos.

Ao colocar a arte naïf em diálogo com questões do nosso tempo, o projeto preenche uma lacuna da história da arte brasileira, não só ao dar visibilidade a esta coleção, mas ao chamar a atenção para uma problemática latente desde o encerramento do Museu de Arte Internacional de Arte Naïf, em 2016. A instituição, que tinha sede num casarão histórico no Cosme Velho, no Rio de Janeiro, suspendeu as atividades por falta de financiamento. Atualmente, a coleção privada de Jacqueline Finkelstein encontra-se armazenada num guarda-móveis.

"Essas exposições podem ser o último suspiro de uma movimentação importante para trazer luz à situação da venda da coleção naïf. É importante mobilizar as pessoas, fazendo com que essas obras fiquem no Brasil", alerta Szwarzwald. Atualmente, cerca de 3 mil peças da coleção estão sob o risco de serem vendidas para fora do país. Destas, 270 compõem o corpo das exposições do Arte nas Estações.

O envolvimento de Fabio e Ulisses com a coleção teve início em 2019, a partir da exposição-manifesto Arte Naïf - Nenhum museu a menos, realizada na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro. Pensada a partir do acervo, então composto por 6 mil obras de artistas de 120 países, a mostra buscou sensibilizar o público sobre a importância deste conjunto para o Brasil.

O legado desta primeira iniciativa se reflete não só na realização do projeto Arte nas Estações, com a itinerância de algumas das suas obras, mas também no reconhecimento internacional de artistas como Odoteres Ricardo de Ozias. O seu trabalho, que serviu como ponto de partida para a exposição do Parque Lage, é exposto pela primeira vez em Minas Gerais, onde nasceu Ozias.

Para Carrilho, o projeto contribui para a valorização da arte popular, dando seguimento a uma espécie de revisão do que vem sendo considerado arte no Brasil, iniciada com a exposição de 2019. "*Poder olhar para essa coleção com apreço pelo popular já é um fenômeno*", comemora. A força da

poesia popular está não só na vivacidade das cores, mas também na capacidade desses artistas olharem para o exterior e fazerem o que Carrilho chama de "remix local": *"A cultura popular continua fazendo esse movimento de capturar o outro e de refazer a partir de si"*.

O resultado disso é revelado, por exemplo, pelo interesse de galerias de arte e do mercado internacional pela Arte Naïf. *"Infelizmente, essa pode ser a última oportunidade de a coleção ser vista no Brasil"*, lembra o curador.

Na atual ausência do Museu, o projeto se encarrega de criar espaços para mostrar a coleção e chamar a atenção para a sua relevância. A expectativa é que esta seja apenas a primeira edição do Arte nas Estações, que pretende continuar levando as artes visuais a outras cidades do país.

O projeto Arte nas Estações tem apoio do Fundo de Filantropia da Família Hees e da Sherwing Williams.

Foto: Divulgação

<https://jornalpanfletus.com.br/noticia/3917/arte-nas-estacoes> em 06/07/2024 21:18